

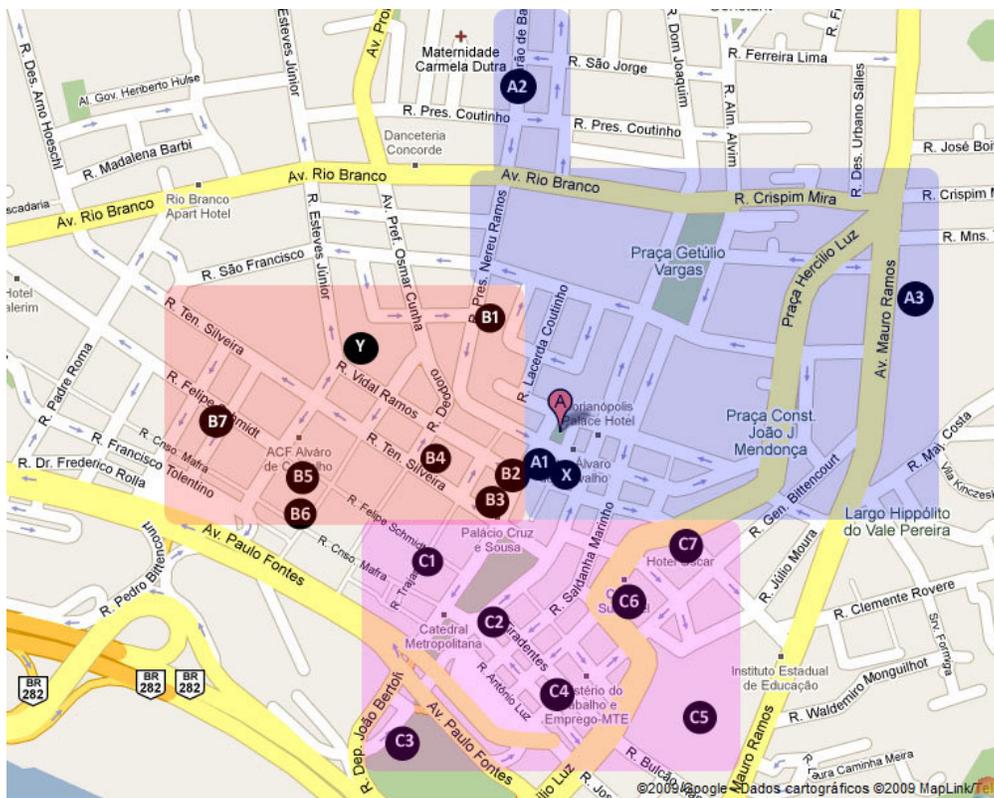
Comentários sobre a caminhada n.º. 9

Simone Prestes¹
Willian Tadeu M. J. Leite²

A nona caminhada de registro fotográfico tematiza a presença da arquitetura modernista no Centro de Florianópolis.

Diferentemente do que ocorreu nas caminhadas anteriores, propõe-se que os participantes, partindo do mesmo ponto (o edifício do IAPC), dividam-se em três grupos, de modo a percorrer diferentes áreas do Centro, devidamente assinaladas no mapa (identificadas como A, B e C). Em cada uma dessas áreas, algumas edificações foram destacadas, mas espera-se que os participantes ampliem esse levantamento, indicando outras edificações que, no seu entender, apresentem características modernistas. Para isso, poderão, além de fotografá-las, registrar sua localização na ficha que acompanha os comentários.

Ao final dos percursos, propõe-se que os participantes se dirijam para o CEISA Center, por volta das 12h, para compartilhar suas impressões e registros.



X. Edifício do IAPC; A1. Edifício do IPASE; A2. Residências da Rua Barão de Batovi e imediações;
A3. IFSC; B1. Edifício à Rua Nereu Ramos; B2. Edifício Cidade de Florianópolis; B3. Edifício das Secretarias;
B4. Edifício das Diretorias; B5. Edifício Zahia; B6. Querência Palace Hotel; B7. Palácio da Indústria;
C1. Antigo Lux Hotel; C2. Banco Nacional do Comércio; C3. Resquícios do Parque Metropolitano Francisco Dias Velho; C4. Hotel Royal; C5. Instituto Estadual de Educação; C6. Clube 12 de Agosto; C7. Oscar Hotel.

¹ Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

² Graduando em História do Centro de Ciências Humanas e da Educação – FAED (UDESC); bolsista do programa de extensão “Matéria e memória: artes do patrimônio cultural”, projeto “A aventura do documento”, ambos coordenados pela Profa. Janice Gonçalves.

Sobre os pontos do percurso:

Ponto inicial

X. Edifício do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes – IAPC (em frente ao Teatro Álvaro de Carvalho, Praça Pereira Oliveira)

Para ALBERTON (2006) os Institutos de Aposentadorias e Pensões (IAPs), criados em 1937, são exemplos de instituições “pioneiras quanto à aplicação de preceitos modernistas adequados à realidade brasileira”. Em Florianópolis, o edifício da sede estadual do IAPC foi concluído em 1954, sendo entregue ao público somente em 1958. Localizado ao lado do prédio do Instituto de Pensão e Aposentadoria dos Servidores Estaduais - IPASE, o prédio foi erguido sob a responsabilidade do engenheiro Carlos Francisco Valente e do arquiteto Hugo de Oliveira Lopes, ambos vinculados ao IAPC no Rio de Janeiro. O engenheiro responsável pelo projeto do Edifício das Diretorias, Domingos Trindade, acompanhou as obras.

O projeto final do edifício do IAPC propunha “salões corridos de acordo com a mais moderna técnica utilizada para edifícios públicos”, ou seja, planta livre proporcionada pela utilização da estrutura em concreto armado, com dez pavimentos (subsolo, térreo, oito pavimentos-tipo e no último pavimento um apartamento para a zeladoria).

Área A (em azul no mapa)

A1. Edifício do Instituto de Pensão e Aposentadoria dos Servidores Estaduais – IPASE (Praça Pereira Oliveira)

Projeto do arquiteto Raul Pinto Cardoso, aprovado em 1944, construído por Souza Tavares. Considerado um dos primeiros edifícios públicos com traços da arquitetura moderna funcional em Florianópolis, é segundo CASTRO (2002) o primeiro edifício público a fazer uso da planta livre, obtida pela estrutura independente de concreto armado. Com seis pavimentos (subsolo, térreo, quatro pavimentos-tipo e terraço com apartamento), projeta-se sobre a calçada com *pilotis* gerando uma galeria coberta marcada pela série de pilares.

A2. Residências da Rua Barão de Batovi e imediações

Localizadas em loteamentos feitos nas antigas chácaras nos então Bairros do Mato Grosso e da Praia de Fora, áreas nobres da cidade e destacadas da área comercial central. O relativo isolamento e a falta de malha urbana determinada permitiram a construção de casas no estilo moderno, onde os arquitetos, engenheiros e desenhistas tinham grande liberdade na ocupação do solo. A grande valorização do local restringia o número e a procedência dos moradores, que eram especialmente jovens casais, descendentes de famílias abastadas, ou famílias de médicos, advogados e de funcionários públicos do alto escalão. As novas casas reforçavam os ares de modernidade que se queria dar à cidade.

Estas edificações estão sendo demolidas para maior aproveitamento dos terrenos (especulação imobiliária, construção de prédios de apartamentos), processo acentuado no município, especialmente no centro. Seu registro é importante em função do alto ritmo de renovação urbana, podendo ser destacado o inventário realizado por ALBERTON (2006).

A3. Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC

Antiga Escola Técnica Federal, fundada em 1960. O edifício foi construído entre 1957 e 1959, em área de expansão do centro da cidade, o que permitiu a exploração de uma planta horizontal.

Área B (em vermelho no mapa)

B1. Edifício à Rua Nereu Ramos, nº 146

Projetado por Moellmann & Ráu em 1957, estes iniciaram a obra que foi finalizada por Beretta & Cia Ltda. (informação do proprietário, Alfredo Mussi). Exemplo de edificação representativa da fase inicial da utilização da técnica de concreto armado na cidade, quando às vezes se exagerava no dimensionamento de vigas, lajes e pilares, tornando a construção mais pesada e mais cara, contrariando os objetivos da técnica construtiva. Destacam-se os pilares em V utilizados no pavimento térreo.

B2. Edifício Cidade de Florianópolis (esquina da Rua Vidal Ramos com Rua Arcipreste Paiva)

Inaugurado em 1960, com doze pavimentos, contrastava visivelmente com a Catedral na época de sua construção.

B3. Edifício das Secretarias (Rua Tenente Silveira, proximidades do Palácio Cruz e Sousa e Catedral)

Projetado por Moellmann & Ráu, foi inaugurado em 1955. Suas linhas podem ser classificadas como uma continuidade da linguagem *déco*, mas se ligam particularmente ao modernismo funcionalista, se consideradas em conjunto a monumentalidade, localização e momento de construção; para CASTRO (2002), é um exemplo de arquitetura “clássica modernizada”. Atual Secretaria de Estado da Fazenda.

Situado em local de destaque no cenário do centro histórico, o volume foi projetado a partir da ideia de ordem presente na coluna grega ou romana, à maneira renascentista ou neoclássica. O primeiro pavimento é revestido em mármore preto, com uma série de janelas altas, e arrematado por uma cimalha (base da coluna); o conjunto de cinco pavimentos em tom de areia (fuste ou coluna propriamente dita); e no topo uma cimalha gigantesca (capitel da coluna). A analogia com a coluna traz também o aspecto de finitude do volume, marcado na base e arrematado pela cimalha.

Na entrada principal, duas grossas colunas marcam o início de uma escadaria de mármore; com linhas retas, geométricas, sem adornos, a imponência é pela proporção das cimalkas, que conferem peso, e pela austeridade das cores (preto e tom de areia). Ocupa o terreno até o alinhamento da calçada, mantendo a tradição dos edifícios coloniais, e o hibridismo marcante de “clássico modernizado” é ressaltado por um elemento construtivo tipicamente moderno, o *brise-soleil* contínuo na fachada lateral.

B4. Edifício das Diretorias (Rua Tenente Silveira, esquina com a Rua Deodoro)

Este prédio é resultado de projeto elaborado pelo engenheiro Domingos Trindade, em 1953, e construído entre 1959 e 1961, sendo então considerado, de acordo com o jornal *O Estado*, o “*mais bonito*” e “*mais custoso*” da capital catarinense. Esse lapso de tempo entre o projeto e a execução provavelmente está ligado ao alto custo da edificação.

A inauguração ocorreu em 05 de janeiro de 1961, sem o completo acabamento. A cerimônia foi feita à noite para melhor impressão, em função de sua rica iluminação. Apresentado como uma realização política do governo Heriberto Hülse (CASTRO, 2002), a inauguração às pressas está ligada ao fim do mandato do governador e à saída do governo da União Democrática Nacional - UDN, no poder desde 1951. O edifício é tomado como objeto emblemático de um conjunto de referenciais estéticos, éticos e políticos, que em sua inauguração trouxe à cidade elementos da moderna cultura arquitetônica brasileira, articulando monumentalidade e funcionalidade.

O edifício possui muitos elementos alusivos ao edifício do Ministério da Educação e Saúde – MES (1945), no Rio de Janeiro, exemplo paradigmático da moderna arquitetura brasileira. Entre tais elementos, são destacados por CASTRO (2002): o uso de *pilotis* em seu sentido original de circulação para pedestres; as fachadas, uma com uso de *brise-soleil* em toda sua extensão e outra com janelas horizontais; volume em L, articulado na esquina por uma marquise ondulada; utilização de planta livre; o desenho das calçadas de Copacabana reproduzido na calçada. A verticalidade acentua sua característica de monumento, além de carregar soluções híbridas, como, por exemplo, nos elementos construtivos, através de soluções técnicas e estruturais tipicamente modernas (planta e fachada livres, espaços externos modernos como os *pilotis*), junto a soluções tradicionais (como a entrada marcada por uma escadaria).

B5. Edifício Zahia (Rua Felipe Schmidt, número 291)

Projeto de Wolfgang Ráu, inaugurado em 1959, com sete pavimentos.

B6. Querência Palace Hotel (Rua Jerônimo Coelho, 1)

Retomada do *déco* na verticalização da cidade. Inaugurado em 27 de novembro de 1958.

B7. Palácio da Indústria – atual FATMA (Rua Felipe Schmidt, 485)

Projetado pela Moellmann & Ráu e inaugurado em 25 de novembro de 1963, servindo de sede da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina – FIESC até 1983. Está associado, como outras edificações do mesmo período, a um momento de verticalização do centro da cidade, inspirado em ideais de modernização difundidos principalmente pela construção de Brasília, concluída em 1960. Possui subsolo, andar térreo e seis pavimentos; em seu hall, no térreo, há um mural em pastilhas do artista plástico Martinho de Haro, declarado patrimônio cultural do Estado de Santa Catarina pela Lei n. 14.128, de 5 de outubro de 2007. Atualmente abriga a Fundação de Amparo à Tecnologia e ao Meio Ambiente - FATMA.

Área C (em rosa no mapa)

C1. Antigo Lux Hotel – atual Edifício São Jorge (Rua Felipe Schmidt com Rua Trajano)

Inaugurado em 1952, estando o projeto e a execução sob responsabilidade de Tom Wildi e Wolfgang Ráu, foi um dos principais empreendimentos hoteleiros realizados em Florianópolis na década de 1950. Na sua fase inicial, entre seus hóspedes predominavam políticos atuantes no interior do Estado, executivos e engenheiros ligados a empreiteiras, professores e funcionários da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e representantes comerciais.

Primeiro edifício particular com elevadores, para CASTRO (2002) ele é um representante do *déco* na verticalização da cidade. Funcionou como Lux Hotel de 1952 a 1974, quando o número de pavimentos foi ampliado (de sete para nove) e passou a se chamar Center Plaza Hotel. A segunda reforma foi feita em 1988, quando o edifício passou a se chamar São Jorge e os apartamentos se transformaram em salas comerciais, a exemplo do que ocorreu com outros hotéis que foram importantes entre as décadas de 1920 e 1960, como o Royal e o Querência.

C2. Banco Nacional do Comércio (em frente à Praça XV de Novembro, esquina com a Rua João Pinto)

Retomada do *déco* na verticalização da cidade, o edifício tem dez pavimentos e foi inaugurado em 19 de setembro de 1959.

C3. Resquícios do Parque Metropolitano Francisco Dias Velho

O aterro da Baía Sul, construído entre 1972 e 1974, fazia parte do Plano de Desenvolvimento Integrado, no qual estava previsto o Centro Metropolitano que, uma vez implantados os equipamentos previstos no Plano, viria a consolidar o centro administrativo, institucional e financeiro da área metropolitana constituída pelo Governo do Estado. Seguindo os princípios do urbanismo racionalista, estavam previstos edifícios em torre, a nova ponte ilha-continente e ligações viárias. Seguiram-se diversas propostas alternativas, até que em 1975 o governador Antonio Carlos Konder Reis convida o paisagista Burle Marx para projetar um parque metropolitano na área. O Parque Metropolitano Francisco Dias Velho estava dividido em três zonas: na Zona A estavam previstas áreas recreativas e uma grande praça de atividades múltiplas, definida por um jardim “abstrato lírico”; na Zona B, configurada pela orla marítima, estavam atividades relacionadas a esta; e na Zona C, o terminal rodoviário e o acesso à ponte. Essas zonas eram separadas pelas pistas de tráfego e ligadas por passarelas, das quais apenas uma foi construída. A falta de conexão entre a praça e a orla provocou, segundo SANTOS (1999), o isolamento destas áreas, transformando-as em recintos abandonados. Atualmente restam poucos resquícios deste projeto: destacam-se o terminal rodoviário, na Zona C, a passarela ligando as Zonas A e B e algumas palmeiras e pequenas áreas de piso *petit-pavé* da Zona A. Um paralelo entre este projeto e o do Aterro do Flamengo no Rio de Janeiro (1961), quanto ao desenho e intenções, pode ser facilmente traçado; no entanto, o sucesso entre a população e a manutenção não coincidem.

C4. Hotel Royal (Travessa Ratcliff, 25)

Seguindo a arquitetura moderna funcional, foi inaugurado em 1959, com oito pavimentos.

C5. Instituto Estadual de Educação (implantado entre a Avenida Hercílio Luz e a Avenida Mauro Ramos)

O Instituto Estadual de Educação teve origem na Escola Normal Catarinense, criada em 1892 e voltada à formação de professores. Originalmente, funcionava nos fundos do atual Palácio Cruz e Souza, em prédio situado na Rua Trajano com Rua Tenente Silveira. Em 1924, a Escola Normal foi transferida para imponente prédio na Rua Saldanha Marinho. Em 1935, com a Reforma de Ensino, a Escola recebeu o nome de Instituto de Educação de Florianópolis, e em 1947, passou a se chamar Instituto de Educação Dias Velho. Recebendo número de alunos cada vez mais significativo, necessitava de um local mais espaçoso. Para isso, foi escolhido terreno no Campo do Manejo onde havia um quartel do Exército e um conjunto de casas geminadas. Em 1964, foi transferido para a Avenida Mauro Ramos (o prédio da Rua Saldanha Marinho passou a ser ocupado pela Faculdade de Educação); em 1966 passou a ter o nome atual.

O Instituto foi construído entre 1951 e 1964, mas não há registro do nome do(s) autor(es) do projeto. Situado em área de expansão do centro da cidade, fora da malha urbana colonial, o edifício projetado não se comprometia de imediato com a verticalidade e a liberdade de geração do espaço pôde ser melhor explorada. Dentre os elementos modernistas destacam-se a predominância da horizontalidade, os pilares em V, amplos pátios internos, rampas, janelas horizontais e grandes superfícies envidraçadas.

C6. Clube 12 de Agosto (Avenida Hercílio Luz, 626)

Os pilares em V destacam-se entre os elementos modernistas.

C7. Oscar Hotel (Avenida Hercílio Luz, 760)

Retomada do *déco* na verticalização da cidade. Inaugurado em 06 de novembro de 1960.

Ponto final:

Y. CEISA Center (Avenida Prefeito Osmar Cunha, 183)

Referências

ALBERTON, Josicler Orbem. **Influência modernista na arquitetura residencial de Florianópolis.** Florianópolis, 2006. 102f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.

CASTRO, Eloah Rocha Monteiro. **Jogo de formas híbridas: Arquitetura e modernidade em Florianópolis na década de 50.** Florianópolis, 2002. 143 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História.

GOVERNO DE SANTA CATARINA. Lei n.14.128, de 05 de outubro de 2007 - Declara patrimônio cultural do Estado de Santa Catarina os murais artísticos de autoria de Martinho de Haro, localizados no Colégio Industrial do Município de Lages e no antigo Palácio das Indústrias, no Município de Florianópolis. Disponível em: < www.alesc.sc.gov.br >. Acesso em: 9 dez. 2009.

LINS, Zenilda Nunes. **Faculdade de Educação: projeto e realidade.** 2. ed. rev. e ampl. Florianópolis: UDESC, 1999.

MAKOWIECKY, Sandra, VIANA, Alice de Oliveira. Imagens do desejo de modernidade: arquitetura moderna em Florianópolis. **DAPesquisa:** revista de investigação em artes, Florianópolis, ago.2007-jul.2008. Disponível em: < <http://www.ceart.udesc.br/revista/dapesquisa/volume3/numero1/plasticas/alice-sandramakowiecky.pdf> >. Acesso em: 9 dez. 2009.

SANTOS, César Floriano dos. **Campo de producción paisajística de Roberto Burle Marx:** el jardín como arte público. Madrid, 1999. Tese (Doutorado) - Universidad Politécnica de Madrid, Escuela Técnica Superior de Arquitectura.

SANTOS, Fabíola Martins dos, PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. A rede hoteleira no núcleo urbano central de Florianópolis (SC): expansão urbana e turismo. IV SeminTUR - Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL, “Turismo: Responsabilidade Social e Ambiental”, 7 e 8 de julho de 2006. Disponível em: <http://www.uces.br/ucs/tplSemMenu/posgraduacao/strictosensu/turismo/seminarios/seminario_4/arquivos_4_seminario/GT09-2.pdf>. Acesso em 9 dez. 2009.

Arquitetura e Modernidade em Florianópolis – SC

Simone Prestes*

A arquitetura pode ser tomada como referência histórica da modernidade na década de 1950 em Florianópolis, pensada como acontecimento, documento e artefato cultural da fase inicial de verticalização da cidade e da difusão de linguagens arquitetônicas próprias da modernização (funcionalismo, *déco*, reedição neoclássica). Segundo CASTRO (2002) os novos edifícios implantados no Centro Histórico articulavam soluções híbridas e formas expressivas, dentro do espectro de possibilidades gerado pela moderna arquitetura brasileira, uma vez que se utilizavam das novas técnicas e elementos ao mesmo tempo em que se submetiam, por exemplo, à estrutura da malha urbana colonial.

Os prédios públicos de caráter monumental expressavam as relações entre poder e representação, linguagem moderna e identidade nacional; articulados com construções produzidas pela iniciativa privada (hotéis, bancos, edifícios comerciais e residenciais), introduziam na cidade a funcionalidade, novas técnicas construtivas e espaços tipicamente modernos. Todas estas edificações contribuíram para a verticalização e adensamento do centro e propagaram linguagens modernizantes e elementos funcionais.

A cultura modernizadora se desenvolveu de forma mais visível no Rio e São Paulo desde as primeiras décadas do século XX, através da disseminação das propostas do Estado Novo para as políticas públicas, num contexto de definição e discussão sobre a identidade nacional. As cidades tendiam à expansão e verticalização (por iniciativa pública e privada) e as linguagens representativas eram o *déco* (modernizadora de massa) e o “neoclássico geometrizado” e monumental (visões estéticas conservadoras). A industrialização e a urbanização trouxeram muitas transformações espaciais e sociais.

Com a política modernizadora de Getúlio Vargas, um grande número de construções empreendidas pelo Estado, por todo o país, utilizava o *déco* como linguagem, esta chegava ao Brasil com a onda modernizadora que atravessava os diversos países da Europa e os Estados Unidos. Podia ser apropriada rapidamente, uma vez que não trazia mudanças em profundidade na concepção dos espaços, mas oferecia novas possibilidades de tratar as superfícies com sinais de modernidade. Linguagem de massa difundida internacionalmente, marcou os traços das iniciativas públicas nos anos 30. Adotada em grande escala, compôs um pano de fundo modernizador; repetida e padronizada, era reconhecida em todo o país como identidade moderna da nação. Estas construções *déco*, eram especialmente escolas, sanatórios e correios, que não exigiam grandes recursos técnicos para sua execução.

Em Florianópolis, as décadas de 1930 e 1940 foram de estagnação, do desenvolvimento urbano e da economia, mas a onda modernizadora se fez sentir com os traços típicos de uma arquitetura modernizante nos cinemas, estabelecimentos comerciais e edifícios públicos como o Hospital Nereu Ramos (1938), na Agrônoma; o Grupo Escolar Getúlio Vargas (1941), no Saco dos Limões, o edifício dos Correios e Telégrafos na Praça XV (1936), entre outros. A ideia de padrão identificava a Florianópolis moderna com o Brasil moderno, o *déco* redesenhava fachadas das principais ruas comerciais, como a Felipe Schmidt e a Tenente Silveira, bem como nas novas residências, que exibiam linhas simples, geométricas, com paredes sem ornamentos.

No início do século XX, a modernização e transformações urbanas marcaram as cidades industriais, com um acelerado processo de desenvolvimento da indústria, a cidade passou a ser vista como um organismo produtivo, que como uma fábrica deveria ser eficiente, ordenada e controlada. A arquitetura é pensada em escala urbana, para ser construída em série e com soluções da tecnologia industrial. Os princípios do funcionalismo obtiveram êxitos notáveis, estabelecendo as bases para uma arquitetura racionalizada, em que utilidade e beleza se uniam numa estética própria, com clara negação a todo e qualquer elemento ornamental ou decorativo, considerados desnecessários à sociedade moderna e industrializada.

A nova arquitetura era vista como solução para os problemas sociais, especialmente o déficit habitacional, e a realidade da cidade industrial foi discutida por dez eventos do Congresso Internacional de Arquitetura Moderna – CIAM (1928-56). O maior expoente da corrente racionalista europeia foi Le Corbusier, que definiu um modo próprio de abordar o funcionalismo na arquitetura, através de formas geométricas puras como base projetual e com um programa básico de cinco pontos:

* Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

1. **Pilotis:** espaço definido por um conjunto de pilares ao nível do solo gerando área para circulação entre o edifício e a cidade, liberando o edifício do solo, permite também a circulação de automóveis;
2. **Planta livre:** obtida pela estrutura independente proporcionada pelo concreto armado, permite grande flexibilidade na definição de vedações (paredes), possibilitando diversidade dos espaços internos e da articulação dos mesmos, além de grandes vãos que permitem os próximos 2 pontos;
3. **Fachada livre:** possibilita a máxima abertura das paredes externas em vidro, em contraposição às maciças alvenarias auto-portantes;
4. **Janelas horizontais** (em fita): aberturas longilíneas que cortam toda extensão do edifício ampliam as possibilidades de ventilação e iluminação e vistas panorâmicas do exterior;
5. **Terraço-jardim:** transforma a cobertura em mais um pavimento, aberto e plano, para usos diversos, em contraposição aos telhados inclinados.

Foram as novas tecnologias que permitiram as inovações, especialmente os processos de impermeabilização, a técnica do concreto armado e a subdivisão da construção em partes articuláveis e componíveis. A nova arquitetura ou arquitetura funcional emergiu no Brasil em São Paulo (1928) e apesar das limitações técnicas e de legislação, a volumetria geométrica sem qualquer ornamento começou a ser utilizada. As conquistas oferecidas pelas técnicas construtivas do aço e concreto armado (estruturas independentes) possibilitaram os primeiros arranha-céus nos anos 20 e 30.

O edifício do Ministério da Educação e Saúde – MES (1937-45), projetado por Lúcio Costa e equipe, foi a primeira aplicação dos princípios da arquitetura moderna funcional de Le Corbusier. É considerado o monumento clássico da arquitetura moderna brasileira, que ele inaugurava, e que teve seu ápice na construção de Brasília (1960). É referência por sua importância política, pelas soluções técnicas e estéticas e pela integração de artes plásticas e paisagismo de forma singular. Essa arquitetura foi intensamente reinterpretada em suas possibilidades técnicas e lingüísticas, em edifícios públicos, comerciais e residenciais, em diversas cidades brasileiras.

Era a busca em construir uma nação moderna, mas o nacional não era um consenso: muitas eram as disputas e nesse quadro se formaram alianças entre modernistas e o governo, permitindo à modernidade de vanguarda institucionalizar seu discurso e uma prática simbólica, no caso, a arquitetura moderna funcional como monumento. A relação entre Lúcio Costa e o poder, de Vargas a Juscelino Kubitschek, abriu possibilidades de propagação da nova linguagem, que teve no caminho oficial o impulso pra sua circulação; a obra de Oscar Niemeyer também é emblemática dessa relação (desde Belo Horizonte até Brasília).

Em Florianópolis, a partir da década de 1950, pretendia-se sair de um isolamento econômico e cultural, além de inventá-la como cidade turística, progressista e desenvolvida, inserida no ciclo do desenvolvimento através da definição de atividades que caracterizassem seu lugar de cidade-capital, conferindo-lhe identidade e vocação. As realizações voltadas para o turismo (construção de hotéis e modernização do transporte aéreo) e a arquitetura moderna do centro materializavam a extensão das possibilidades da modernidade. Eram questões próprias da modernidade brasileira que se discutiu e se inventou com a aspiração de suprimir hiatos culturais e econômicos e como forma de articular uma identidade nacional.

A cidade abarca a modernização marcada pela verticalização; o *déco* foi retomado em grande escala ao mesmo tempo em que os progressos da arquitetura funcional também repercutiam na capital. Diferentemente da época do Estado Novo, há no processo modernizador que ocorre a partir da década de 1950 uma autonomia da arquitetura como fenômeno cultural, sendo apropriada de diversas formas (como moda) por projetistas e construtores locais.

A tecnologia do concreto armado começou a ser aplicada na época em que a cidade procurava saídas em direção a um progresso. O sistema de estruturas independentes chegou na década de 40 mas ainda haviam dificuldades técnicas e de aquisição de materiais (o cimento vinha da Alemanha). No início da década seguinte, havia uma fábrica de cimento em Itajaí e a produção regional dos demais materiais, como cal, telhas e janelas de vidro, mas não havia grande investimento na construção civil, que só seria incrementada ao final da década.

O desenvolvimento da aplicação da técnica que transformou a relação entre massa e volume, possibilitava estruturas mais leves e delgadas, vãos mais amplos e alturas maiores, demonstrando o início de um refinamento técnico. Os primeiros passos da arquitetura moderna funcional foram IPASE, IAPC e o

Edifício das Diretorias, que marcam o momento de mais uma conquista na direção do progresso almejado e da renovação da inscrição da cidade no circuito das capitais modernas dos anos do desenvolvimentismo.

Artistas e intelectuais modernistas se articulavam em torno da Revista Sul, que divulgava a produção literária, crítica e de artes plásticas e promovia intercâmbio com outras regiões e com outros países. A partir dos temas propostos pela revista foi possível articular a discussão do Plano Diretor de 1952, primeira abordagem urbana geral para a cidade, que deu origem ao primeiro Código de Obras da Capital, em 1955.

As construções residenciais sempre foram uma das grandes preocupações dos modernistas, Le Corbusier, tratava a casa como uma “máquina de morar” que deveria atender às reais necessidades das famílias. Os projetos de habitação industrializada e coletiva eram privilegiados, mas foi através das habitações unifamiliares da classe média que os arquitetos puderam experimentar suas idéias, aplicando a nova linguagem modernista e sedimentando o conceito de arquitetura funcional.

Na arquitetura moderna brasileira os elementos da arquitetura colonial eram relacionados com propostas racionalistas européias, transformando os elementos emprestados. Dos projetos residenciais de Lucio Costa, destacam-se: os telhados em águas com telhas coloniais; grandes beirais para proteção do sol e da chuva; treliças de madeira para proteção do sol e intimidade, como os muxarabis; venezianas; varanda ao longo de todo o andar; pátio interno; elementos vazados de concreto, cobogó; murais artísticos; superfícies diferenciadas nas fachadas, em cerâmica, pedra e tijolo.

Quanto às diferenças entre a casa tradicional e a casa moderna, destacam-se: a incorporação da edícula (que antes ficava nos fundos) à casa, como área de serviço; organização frente-fundo hierarquizada, transformada pela valorização de todas as fachadas; paisagismo valorizado em pátios e corredores que fazem a ligação externo-interno; cozinha e banheiros também são importantes. A organização da casa valorizava a vida familiar e buscava continuidade espacial entre os ambientes (integração) ao mesmo tempo em que se preocupa com a intimidade.

As residências unifamiliares de arquitetura funcional e intimista, para famílias abastadas de Florianópolis, destacadas por ALBERTON (2006), trazem os principais elementos modernistas: busca por formas simples; uso do concreto armado; grandes aberturas; valorização de materiais industrializados; distribuição funcional dos ambientes; integração dos espaços e racionalização do sistema construtivo; pátio interno, diferentes matérias revestindo as fachadas (madeira, cerâmica, tijolo e pedra).

A partir da década de 1950, o loteamento de grandes chácaras em bairros de expansão do centro nos bairros do Mato Grosso e da Praia de Fora, o crescimento da população urbana, a abertura de novos eixos viários e o prolongamento de outros, aliadas à verticalização e ao desenvolvimento das novas técnicas construtivas, impulsionaram o crescimento e a modernização de Florianópolis.

Referências

ALBERTON, Josicler Orbem. **Influência modernista na arquitetura residencial de Florianópolis**. Florianópolis, 2006. 102f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo.

CASTRO, Eloah Rocha Monteiro. **Jogo de formas híbridas: Arquitetura e modernidade em Florianópolis na década de 50**. Florianópolis, 2002. 143 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História.

